



Edição
40

Boletim de Conjuntura Industrial

Editorial

A 40ª edição do Boletim de Conjuntura Industrial é publicada em um período decisivo para o setor produtivo brasileiro. Os indicadores apontam para uma desaceleração da atividade econômica, evidenciada pela redução na produção, queda na confiança dos empresários e obstáculos estruturais que demandam atenção imediata por parte de gestores públicos e lideranças industriais.

Nos meses de julho e agosto de 2025, observou-se uma retração contínua. O Índice de Atividade Econômica (IBC-Br) registrou queda pelo terceiro mês seguido, com destaque negativo para a indústria, que recuou 1,07%, e para o setor agropecuário, com retração de 0,87%. A confiança dos industriais também diminuiu em todas as regiões e faixas de porte empresarial, com o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) abaixo do nível considerado otimista, refletindo um cenário de insegurança e prudência.

A Indústria de Transformação apresenta um quadro heterogêneo. Embora alguns segmentos, como o de máquinas e equipamentos elétricos, tenham mostrado avanços pontuais, a maioria dos setores revela queda na produção, no nível de emprego e na utilização da capacidade instalada. A fabricação de aço, por exemplo, sofreu uma redução de 4,6% em agosto, com destaque para os produtos semiacabados, que caíram 17,9%. O consumo aparente de itens siderúrgicos também diminuiu, pressionado pelo aumento das importações e pela concorrência internacional.

As projeções econômicas divulgadas pelo Boletim Focus indicam revisão para baixo nas expectativas de inflação (IPCA), crescimento do PIB e taxa de câmbio. A taxa básica de juros (Selic) permanece elevada em 2025, com perspectiva de queda apenas em 2026. A inflação mostra sinais de desaceleração, especialmente para os grupos de menor renda, influenciada pela redução nos preços de alimentos e energia. Por outro lado, o Índice de Preços ao Produtor (IPP) aponta deflação no setor industrial, o que pode indicar compressão de margens e menor incentivo à produção.

No comércio exterior, o Brasil alcançou um superávit histórico em agosto, impulsionado por exportações para mercados estratégicos. Contudo, o crescimento das importações, sobretudo de bens industriais, levanta preocupações quanto à competitividade da produção nacional. A Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) continua em trajetória de expansão acumulada, mas já apresenta sinais de desaceleração, refletindo o impacto das incertezas econômicas sobre os investimentos.

Este boletim revela uma indústria em processo de transformação, enfrentando tanto desafios conjunturais quanto estruturais. A perda de confiança, a retração na atividade produtiva e o aumento das importações exigem ações articuladas entre o setor público e a iniciativa privada. É momento de revisar estratégias industriais, fortalecer as cadeias produtivas locais e apostar em inovação e ganhos de produtividade. A retomada do dinamismo industrial será fundamental para sustentar o crescimento econômico e promover empregos de qualidade no país.

Release



Boletim Focus – 19/09/2025

Ano	IPCA (%)	PIB (var. %)	CÂMBIO (R\$/US\$)	SELIC (% a.a.)
2025	4,83	2,16	5,50	15,00
Variação	-0,03%	-0,02%	-R\$0,09	0,00%
2026	4,29	1,80	5,64	12,25
Variação	-0,04%	-0,06%	-R\$0,04	-0,25%

Variação em relação às últimas 4 semanas das expectativas do Boletim Focus.

Fonte: Banco Central.

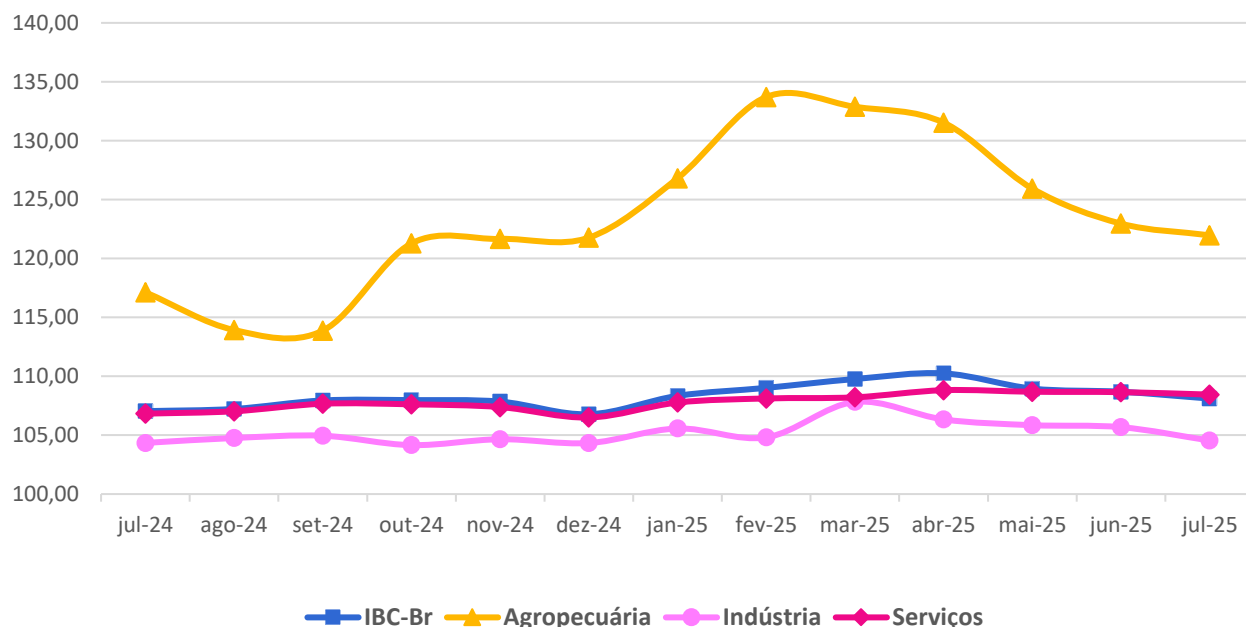
A edição do Boletim Focus de 19 de setembro segue a tendência de queda para o ano corrente e seguinte. As expectativas para o IPCA em 2025 caíram 0,03p.p, ainda acima da meta estabelecida pelo Banco Central, enquanto PIB caiu 0,02p.p e câmbio diminuiu 4 centavos de real. A taxa Selic permaneceu inalterada, novamente com confiança de que o COPOM manterá essa taxa de juros até o fim do ano.

Para o ano de 2026, as previsões do IPCA caíram 0,04p.p, ademais as expectativas para o produto e câmbio também foram reduzidas, em

0,06p.p. e 4 centavos de real, respectivamente. Além disso, a antevisão para a taxa Selic em 2026 também foi reduzida, em 0,25p.p, mostrando uma retomada da confiança nos cortes futuros dos juros.

Índice de Atividade Econômica (IBC-Br)

Índice de Atividade Econômica - (2022 = 100) - IBC-Br - Bacen



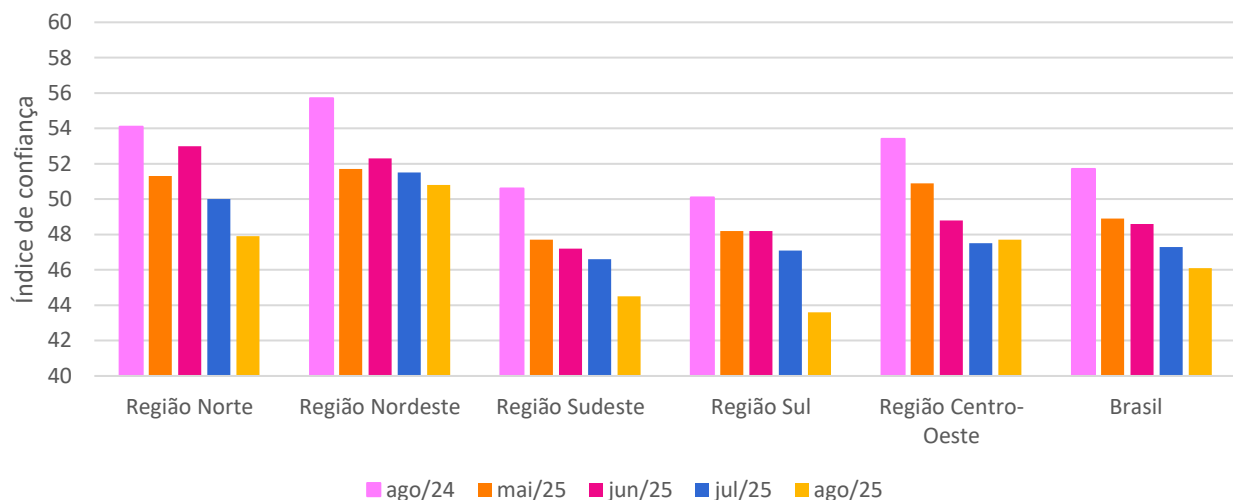
Fonte: Banco Central.

Em julho, houve uma queda de 0,53% na atividade econômica nacional, de acordo com o indicador elaborado pelo Bacen. É o terceiro resultado negativo seguido, e marca um início mais lento da economia no segundo semestre de 2025.

Entre os setores, destacou-se a queda de 1,07% da Indústria, 0,87% da Agropecuária, e 0,19% do setor de Serviços. Economistas consultados em pesquisa da Reuters esperavam contração de 0,2%, internalizando expectativas de desaceleração da economia.

Índice de Confiança do Empresário Industrial

ICEI - Região

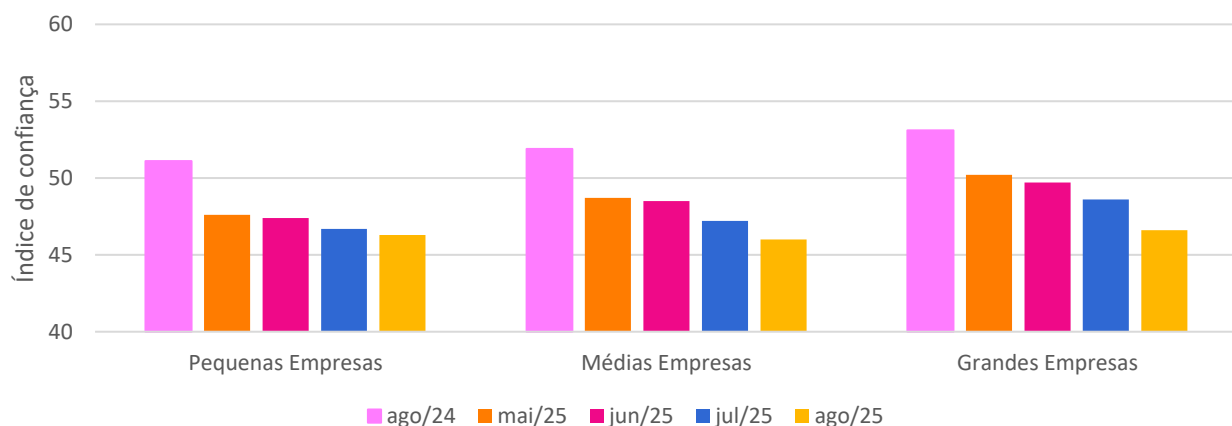


Fonte: CNI

Em agosto, o índice de confiança do empresário industrial do Brasil apresentou queda de -1,20 ponto. No mês, houve redução da confiança em quatro das cinco regiões: Sul (-3,50), Norte e

Sudeste (-2,10 em ambos) e Nordeste (-0,70), e ligeiro aumento no Centro-Oeste. Dessa forma, apenas a região Nordeste permaneceu acima do parâmetro de confiança positiva de 50 pontos.

ICEI - Porte de Empresas

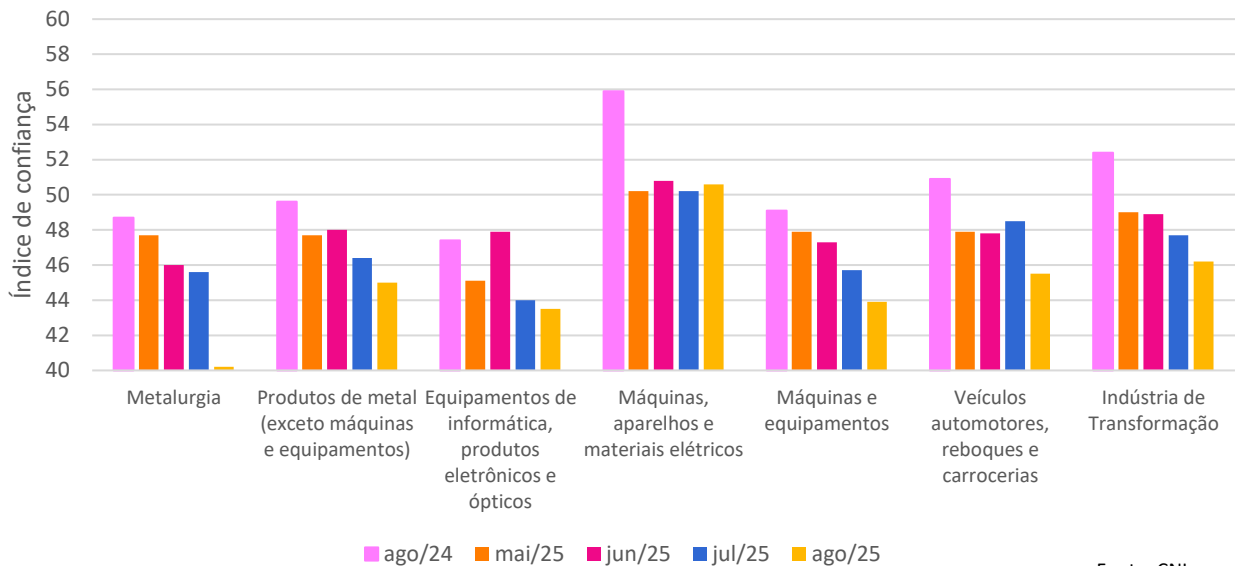


Fonte: CNI

Em agosto, houve queda da confiança em todos os portes de empresa. As variações foram de -2,00 ponto nas Grandes Empresas, -1,20 ponto nas Médias e -0,40 nas empresas de

Pequeno Porte. Com o resultado, todos os portes seguem com a confiança abaixo do parâmetro de 50 pontos, mantendo o cenário pessimista.

ICEI - Setores de transformação

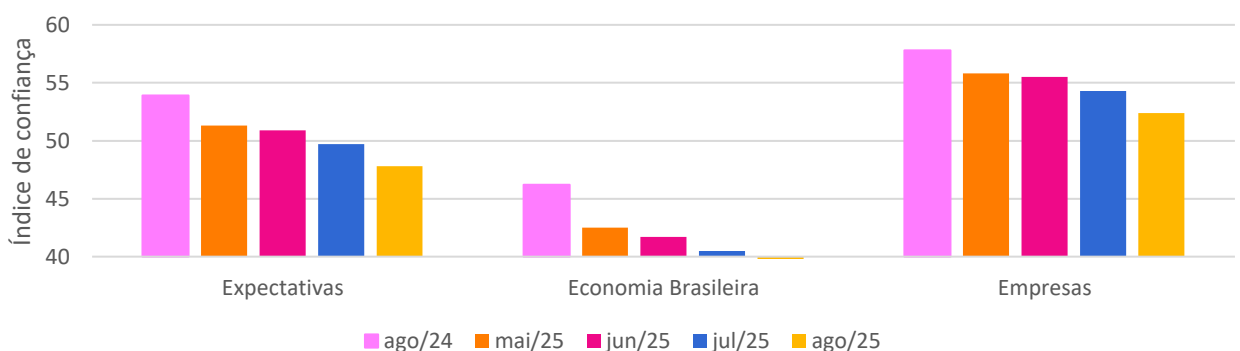


Fonte: CNI

Em agosto, houve queda de 1,50 ponto na confiança da Indústria de Transformação. Entre os subsetores analisados, apenas o de Máquinas, aparelhos e materiais elétricos apresentou avanço, de 0,40 ponto. Houve retração em Metalurgia (-5,40), Veículos

automotores (-3,00), Máquinas e equipamentos (-1,80), Produtos de metal (-1,40) e Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (-0,50). Dessa forma, apenas o subsetor de Máquinas, aparelhos e materiais elétricos permaneceu acima do parâmetro de confiança.

ICEI – Expectativas (Próximos 6 meses)



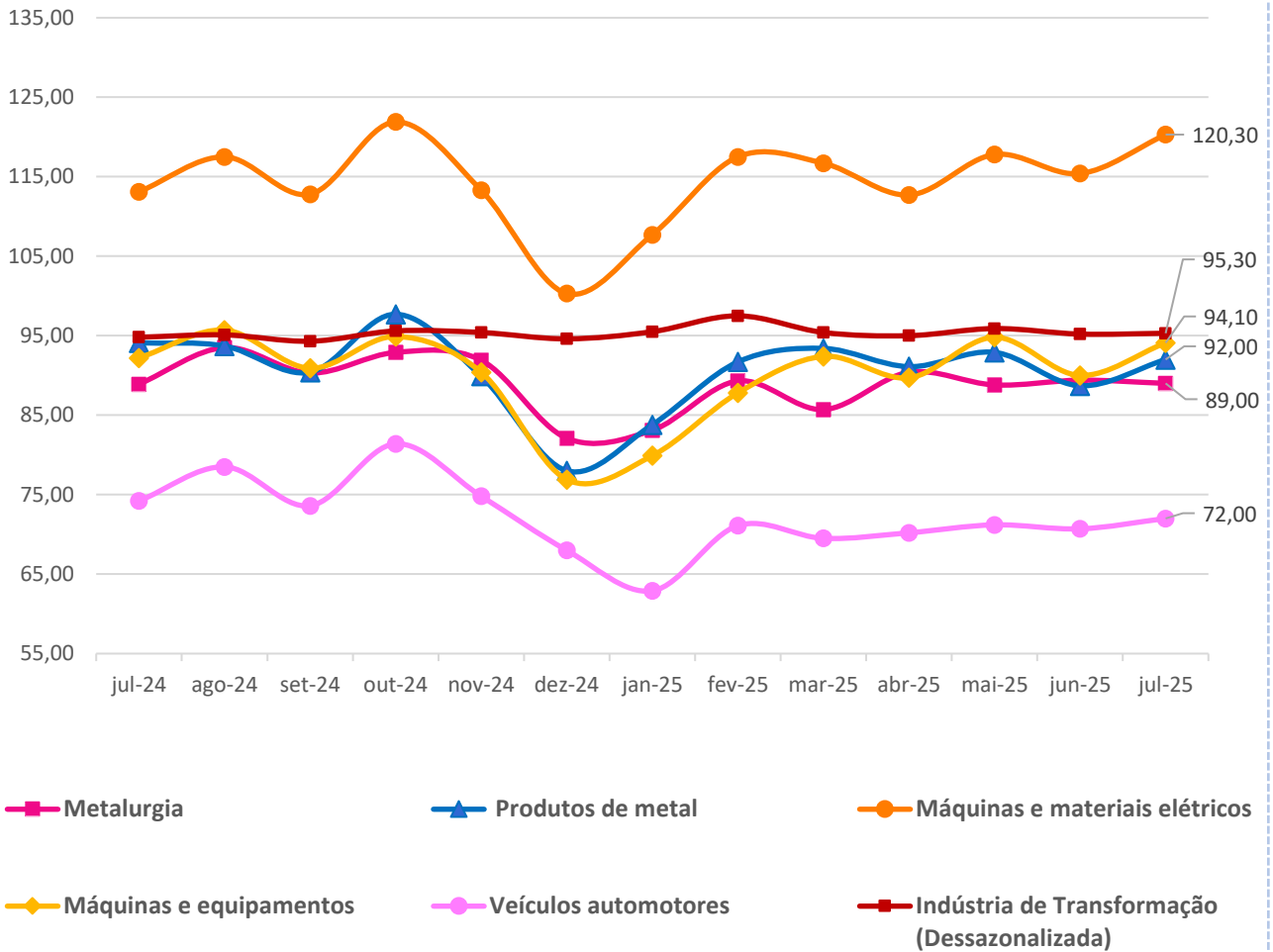
Fonte: CNI

Em agosto, o índice de expectativas do empresariado para os próximos 6 meses apresentou queda de -1,90 ponto. As expectativas em relação à economia brasileira e ao cenário interno das empresas no mesmo

período também registraram quedas de -1,90 ponto. Com o resultado, apenas a expectativa em relação ao cenário interno das empresas continua em patamar otimista.

Horas trabalhadas na produção

Horas trabalhadas na produção - base fixa - Brasil - CNI



Fonte: CNI

O índice de horas trabalhadas na Indústria de Transformação brasileira apresentou aumento de 0,11% em julho, segundo o indicador elaborado pela Confederação Nacional da Indústria. Em relação ao mesmo período do ano anterior, houve avanço de 0,53% na série dessazonalizada.

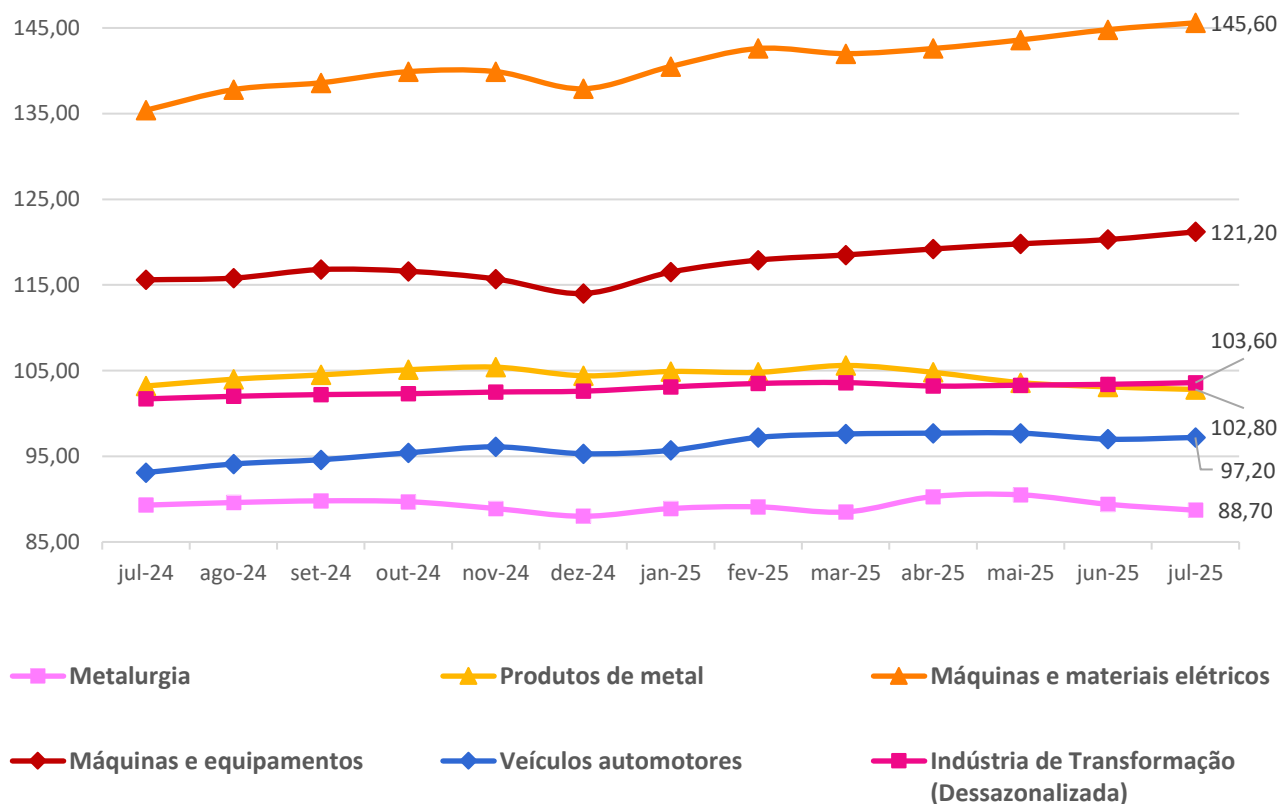
Entre os cinco subsetores analisados, quatro apresentaram avanço, com os seguintes resultados mensais:

- **Máquinas e equipamentos:** 4,56%
- **Máquinas e materiais elétricos:** 4,25;
- **Produtos de metal:** 3,72%;
- **Veículos automotores:** 1,84%;
- **Metalurgia:** -0,45%.

No acumulado do ano de 2025, houve queda de 0,21% nas horas trabalhada.

Emprego Industrial

Emprego industrial - base fixa - Brasil - CNI



Fonte: CNI

O índice de emprego do setor da Indústria de Transformação apresentou avanço de 0,19% no mês de julho, segundo dados divulgados pela CNI.

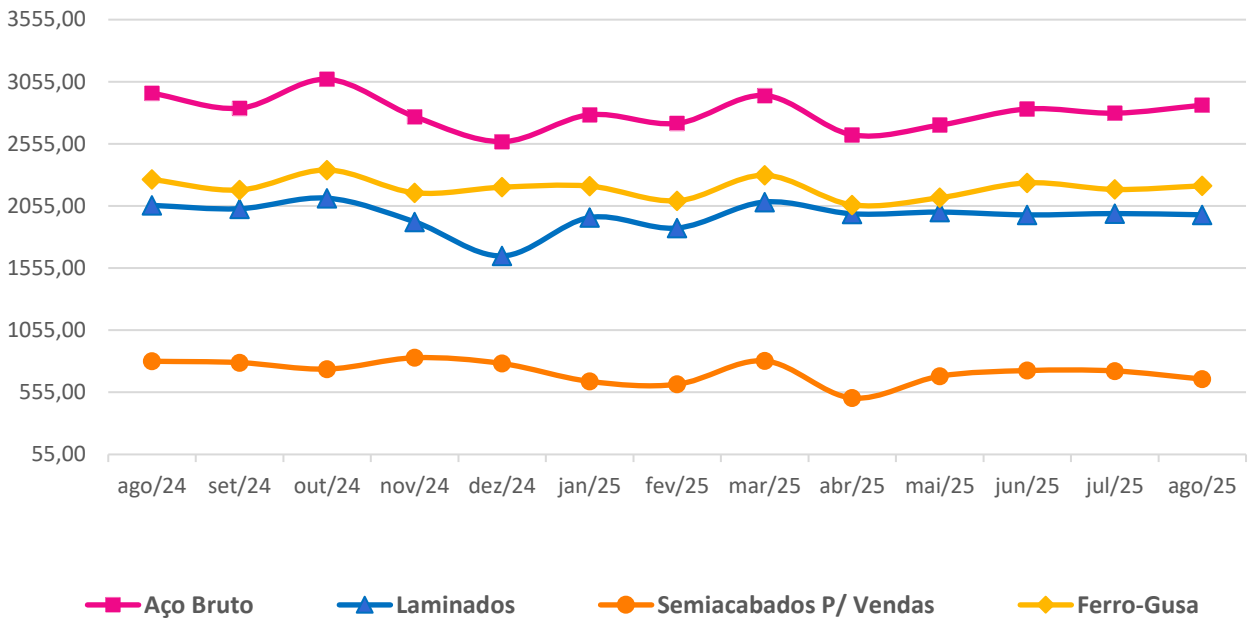
Entre os subsetores estudados, apenas dois registraram variações negativas. Os resultados foram:

- **Máquinas e equipamentos:** 0,75%;
- **Máquinas e materiais elétricos:** 0,55%;
- **Veículos automotores:** 0,21%;
- **Produtos de metal:** -0,29%;
- **Metalurgia:** -0,78%.

Em relação ao mês de julho do ano anterior, o índice de emprego industrial subiu 1,87%. No acumulado do ano, o resultado é positivo, com avanço de 0,48%

Produção de aço

Produção de Aço no Brasil



Fonte: Aço Brasil

Em agosto de 2025, a produção brasileira de aço bruto atingiu 2,87 milhões de toneladas, registrando uma queda de 4,6% frente ao mesmo mês no ano anterior. A fabricação de laminados totalizou 2 milhões de toneladas, um recuo de 5,5% na mesma base de comparação. Já a produção de semiacabados para vendas somou 661 mil toneladas representando uma retração de 17,9% em relação a agosto de 2024. O ferro-gusa produzido nas usinas integradas foi de 2,22 milhões de toneladas, uma redução de 3,7% no comparativo anual.

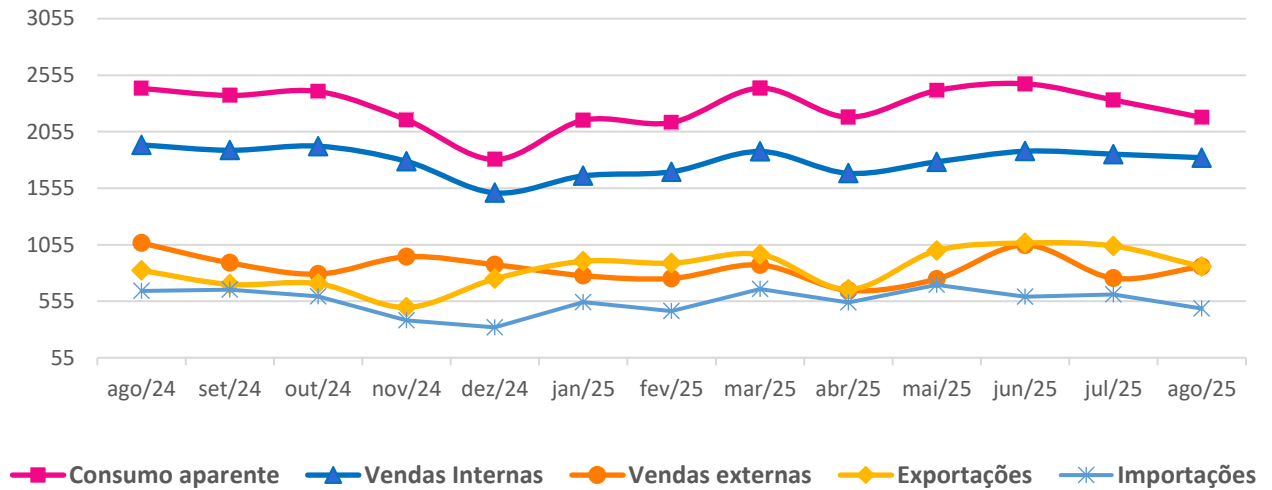
No acumulado de janeiro a agosto de 2025, a produção nacional de aço bruto alcançou 22,2 milhões de toneladas, queda de 1,5% em relação ao mesmo período do ano passado. A

produção de laminados manteve-se estável, em 15,8 milhões de toneladas, enquanto a de semiacabados para vendas somou 5,4 milhões de toneladas, uma queda expressiva de 11,4%. O volume de ferro-gusa produzido no período foi de 17,3 milhões de toneladas, recuo de 1,3% frente a 2024.

Esses resultados evidenciam um setor siderúrgico que atravessa um período de retração produtiva, marcado especialmente pela queda mais acentuada na produção de semiacabados, ainda que a fabricação de laminados se mantenha estável no acumulado do ano.

Indústria Siderúrgica

Comercialização de Aço no Brasil



Fonte: Aço Brasil

O Instituto Aço Brasil divulgou os resultados de comercialização referentes a agosto de 2025, que apontam para um cenário de desaquecimento da demanda e maior pressão competitiva sobre o setor. O consumo aparente de produtos siderúrgicos foi de 2,2 milhões de toneladas, queda de 10,5% em relação a agosto de 2024. Já as vendas internas totalizaram 1,8 milhão de toneladas, retração de 5,8% na mesma comparação.

No acumulado de janeiro a agosto, entretanto, o consumo aparente manteve trajetória positiva, somando 18,2 milhões de toneladas, avanço de 5,3% frente ao mesmo período do ano anterior. As vendas internas no acumulado chegaram a 14,2 milhões de toneladas, ligeira alta de 0,6%.

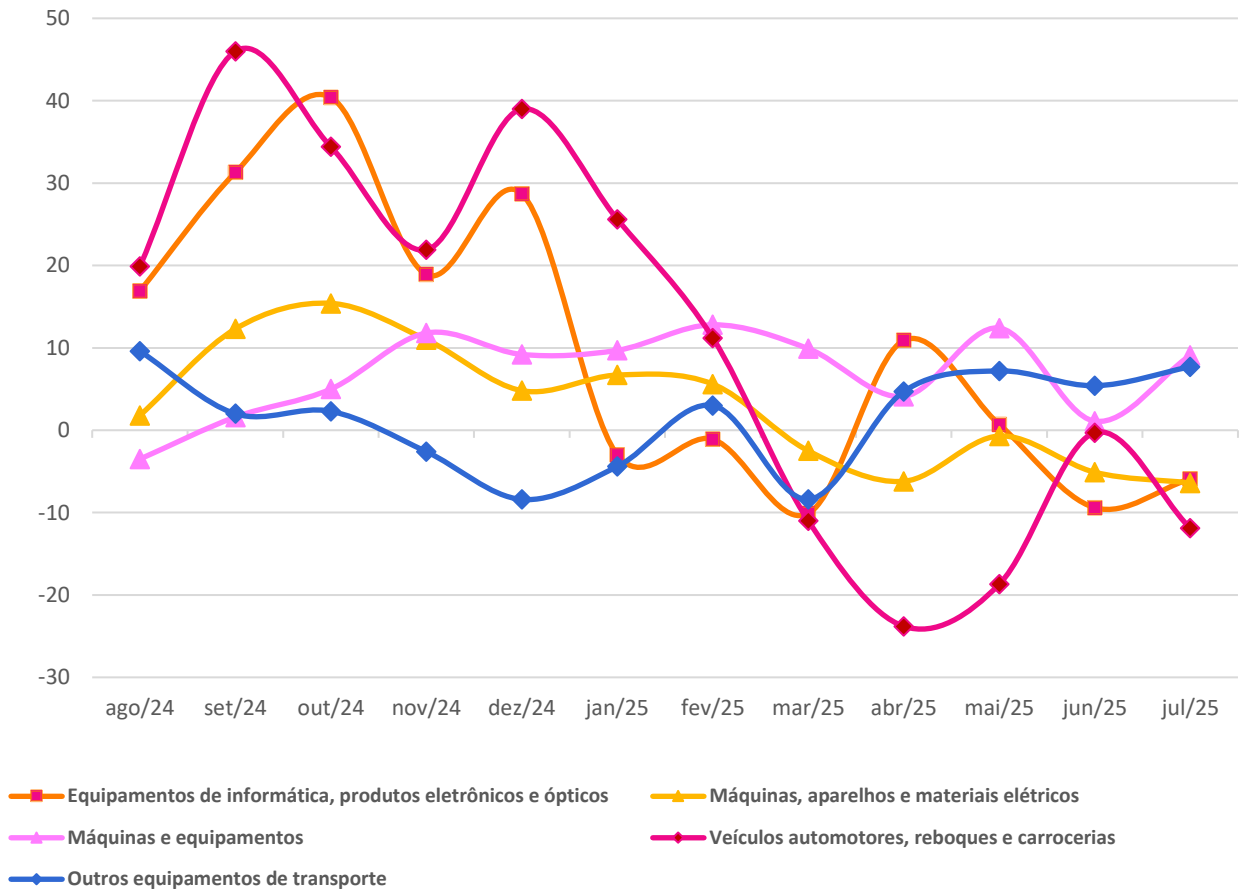
As exportações atingiram 861 mil toneladas em agosto, aumento de 4,0% em volume, mas com redução de 8,1% em valor,

totalizando US\$ 582 milhões. Já as importações recuaram de forma expressiva, somando 491 mil toneladas (queda de 24,0%), equivalentes a US\$ 419 milhões. Apesar desse movimento mensal, no acumulado de 2025 as importações continuam em trajetória de crescimento, alcançando 4,6 milhões de toneladas (+16,5%), ampliando sua participação no mercado doméstico.

Esse desempenho reforça os desafios enfrentados pela indústria nacional. Enquanto o consumo interno dá sinais de recuperação no acumulado do ano, o avanço estrutural das importações (especialmente de produtos originários da Ásia) segue pressionando a competitividade, elevando a taxa de penetração externa e aumentando a ociosidade da capacidade instalada do setor siderúrgico brasileiro.

Indicadores de Produção Nacional

Bens de Capital



Fonte: IBGE

Em julho de 2025, a produção de bens de capital voltou a apresentar resultados distintos entre os segmentos. O principal recuo do mês foi registrado no setor de Veículos automotores, reboques e carrocerias, que caiu 11,9%. Também tiveram desempenho negativo os segmentos de Máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-6,4%) e de Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (-5,9%).

Por outro lado, alguns setores apresentaram crescimento. O destaque positivo foi o segmento de Máquinas e equipamentos, que avançou expressivos 9,1% no mês. Já o setor de Outros equipamentos de transporte registrou alta de 7,7%, reforçando o resultado positivo no período.

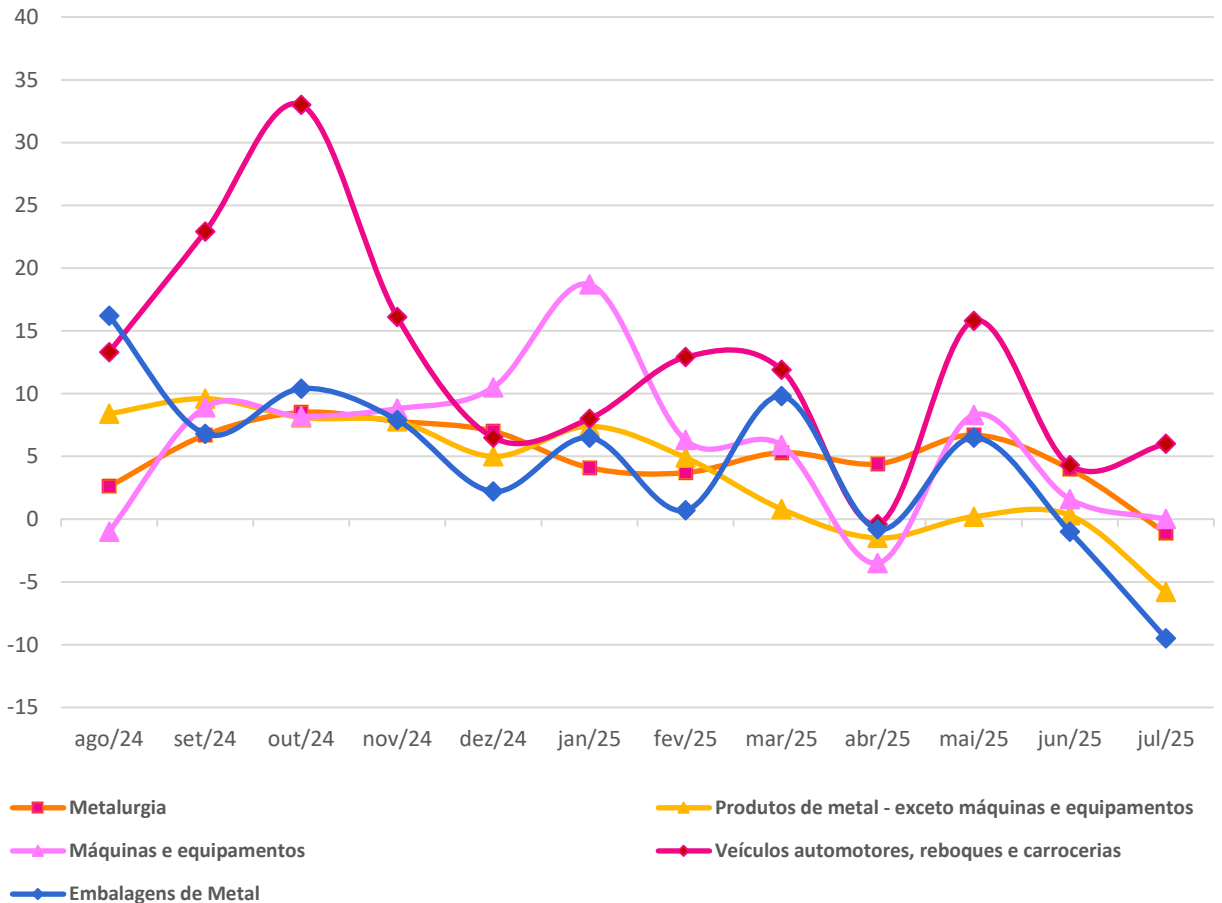
Indicadores de Produção Nacional – Bens de Capital

Observa-se que há oscilações significativas entre os meses e categorias: por exemplo, 'Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos' apresenta crescimento em alguns meses e queda em outros, enquanto 'Veículos automotores, reboques e carrocerias' mostra forte retração a partir de março de 2025.

Essas variações refletem fatores como demanda do mercado, investimentos industriais e

políticas econômicas, conforme apontado por pesquisas recentes sobre o setor de bens de capital no Brasil. Em geral, o comportamento da produção desses bens é sensível ao cenário econômico, podendo indicar períodos de expansão ou retração industrial.

Indicadores de Produção Nacional Bens Intermediários



Fonte: PIMPF

Em julho de 2025, a produção de bens intermediários apresentou desempenho misto entre os segmentos analisados. O principal destaque positivo foi o setor de Veículos automotores, reboques e carrocerias, que registrou crescimento de 6,0% no mês. O segmento de Máquinas e equipamentos manteve estabilidade, sem variação em relação ao mês anterior.

Por outro lado, os demais setores apresentaram retração. O recuo mais intenso ocorreu em Embalagens de metal (-9,5%),

seguido por Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos (-5,8%) e Metalurgia (-1,1%).

A fabricação de bens intermediários apresentou oscilações ao longo do tempo. Em outubro de 2024, a atividade metalúrgica registrou índice de 8,8, enquanto a produção de artefatos metálicos (excluindo máquinas e equipamentos) ficou em 8,3. Já em fevereiro de 2025, houve uma queda na metalurgia para 3,6, ao passo que os produtos de metal tiveram alta, atingindo 5,2.

Indicadores de Produção Nacional – Bens Intermediários

Essas flutuações podem ser atribuídas a múltiplos fatores ligados à economia e à indústria. Elementos como a oferta de matérias-primas, o nível de demanda por bens finais e o cenário econômico geral exercem influência direta sobre o desempenho dos bens intermediários. Um exemplo marcante é o setor petroquímico, responsável pela produção de plásticos e resinas, que afeta diretamente a fabricação de embalagens e peças automotivas.

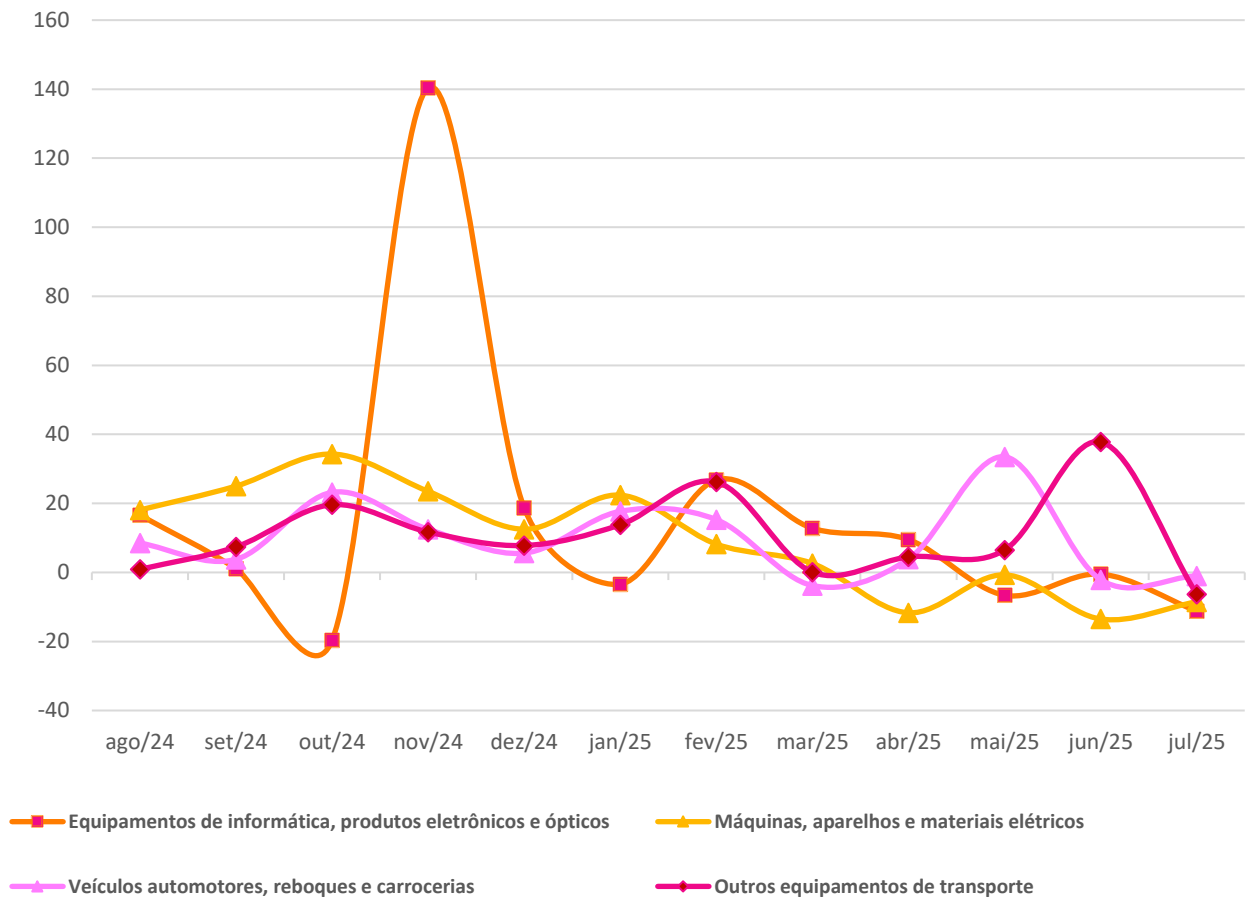
Além disso, aspectos como a produtividade nas linhas de montagem e a busca por redução de custos operacionais também

impactam esse tipo de produção. O uso eficiente de bens intermediários contribui para agilizar os processos industriais, permitindo que as empresas se adaptem com rapidez às exigências do mercado.

Assim, a leitura da tabela evidencia que a produção de bens intermediários é moldada por uma interação entre fatores econômicos, disponibilidade de insumos e desempenho industrial. Compreender esses elementos é essencial para interpretar a dinâmica produtiva e seus reflexos na economia em geral.

Indicadores de Produção Nacional

Bens de Consumo



Fonte: PIMPF

Em julho de 2025, o setor de bens de consumo apresentou retração generalizada entre os segmentos analisados. O recuo mais intenso foi registrado em Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos, que caiu 11,2% no mês. Também apresentaram quedas expressivas os segmentos de Máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-8,5%) e de Outros equipamentos de transporte (-6,3%).

O setor de Veículos automotores, reboques e carrocerias também registrou variação negativa, embora mais moderada, com baixa de 1,0%.

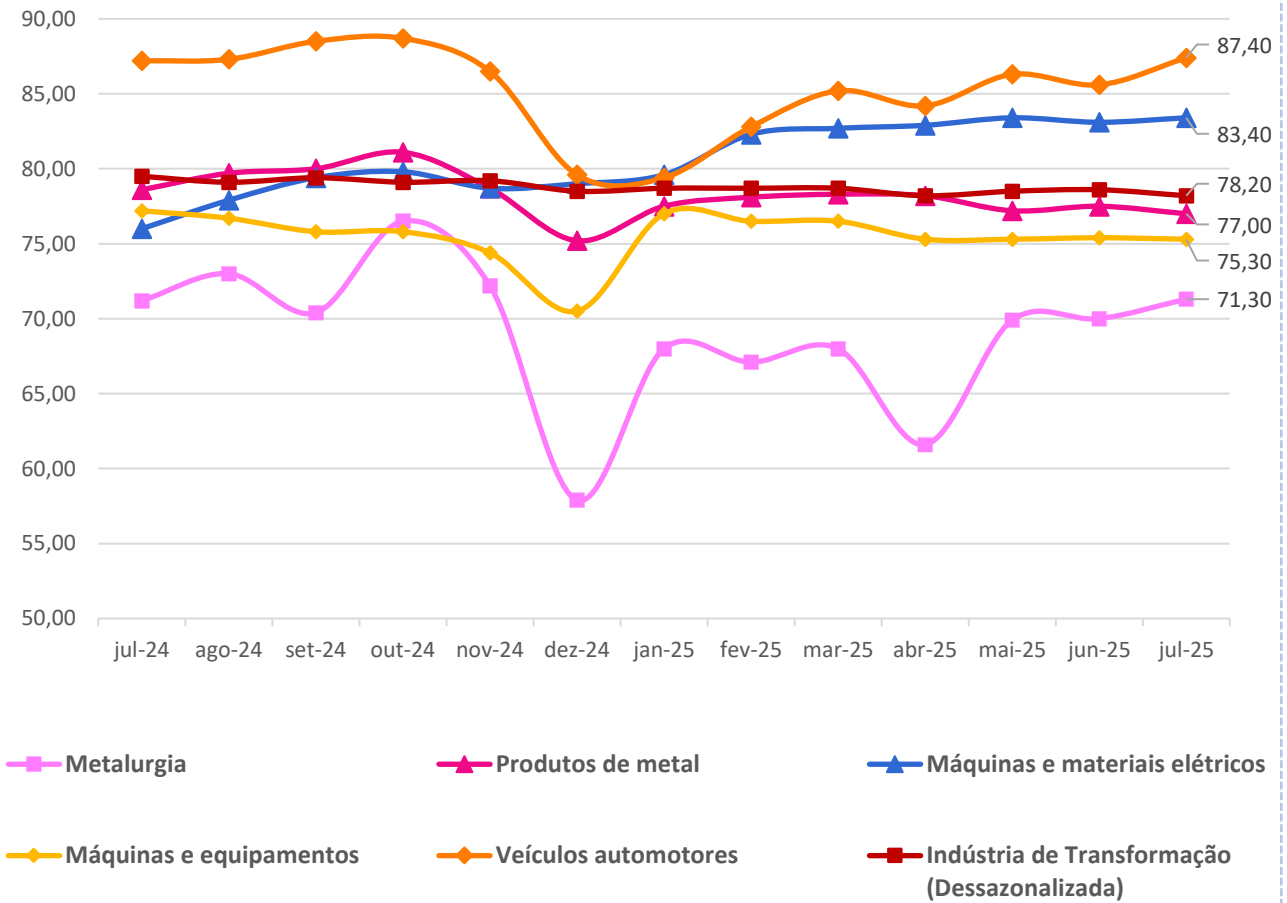
Indicadores de Produção Nacional – Bens de Consumo

A indústria de bens de consumo duráveis é influenciada por fatores como avanços tecnológicos, mudanças nos hábitos de consumo, maior renda disponível e valorização da sustentabilidade. A demanda por produtos inteligentes e eficientes tem crescido, impulsionada pelo desenvolvimento urbano e

pela preocupação ambiental. O setor é altamente competitivo, exigindo inovação e adaptação às tecnologias digitais, que transformam processos de produção e comercialização. Seu desempenho acompanha o ritmo da economia, com recuperação observada após os impactos iniciais da pandemia de COVID-19.

Utilização da Capacidade Instalada

Utilização da Capacidade Instalada – percentual médio - Brasil - CNI



Fonte: CNI

A Utilização da Capacidade Instalada (UCI), indicador de produtividade elaborado pela CNI, apresentou queda de -0,40% em julho de 2025. Entre os subsetores analisados, dois apresentaram queda. Os resultados mensais foram:

- **Veículos automotores:** 1,8%
- **Metalurgia:** 1,3%
- **Máquinas e materiais elétricos:** 0,30%
- **Máquinas e equipamentos:** -0,10%
- **Produtos de metal:** -0,50%

Em comparação com o mês de julho do ano anterior, houve queda de 1,30% na UCI. Em relação ao início do ano, o resultado de julho representa uma queda de 0,50%.

Indicadores de Preço

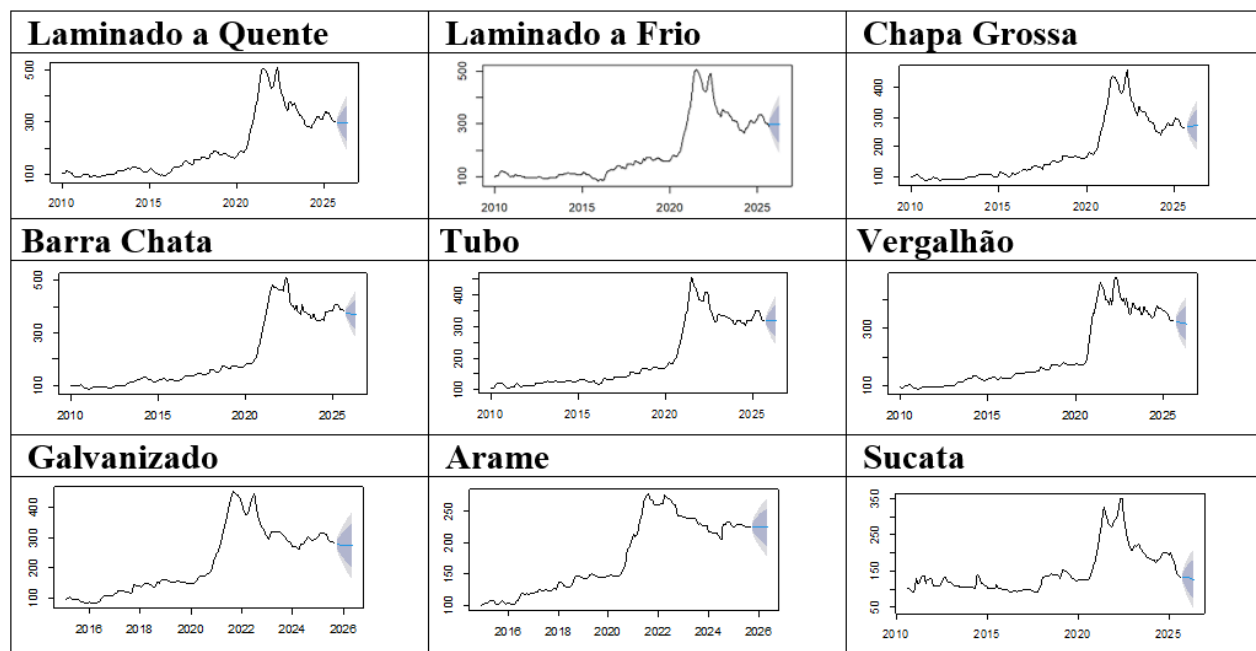
Aço Nacional							
Indicadores (%)	set. prev	ago	jul	jun	mai	abr	12m. Ac.
BQ	-0,82	0	-1,92	-5	-2,32	-0,07	-5,66
BF	-3,27	-0,05	-2,26	-6	-2,03	-0,22	-4,22
CG	-0,56	0	-0,93	-5,3	-2,67	-0,14	-5,01
Zincado	-2,02	-0,02	-0,95	-6	-1,59	-0,16	-4,58
Galvalume	-0,62	0,09	-2,23	-4,98	-1,77	2,15	7,57
Xadrez	-	0,01	-	-5	-2,68	-0,22	-4,35
Arame	-0,04	0	-0,84	-0,44	0	-0,22	-1,27
Barra Chata	-2,44	-0,01	0	-3,96	0	-0,06	2,64
Barra Redonda	-	-0,06	0,13	-3,92	0	-0,07	3,01
Cantoneira	-2,18	0	0	-4	-0,06	-0,06	-0,26
Perfil I	-0,25	0	0	-3,96	-0,14	0	0,91
Perfil UDC	-0,77	-0,02	-1,06	-4,64	-2,55	0	-2,62
Prego	-	0	0	-0,09	0	-0,09	-2,52
Tela	-0,11	0	-0,44	-4,26	-1,47	2,36	-11,9
Telha	-3,23	0	-0,18	-3	-0,07	0,07	-3,86
Tubo	-0,58	-0,02	-1,16	-5,63	-2,56	0	-0,25
Vergalhão	0	0,03	0	-3,74	-4,01	-0,98	-13,88
Chapa Inox	-1,99	0	-4,01	-0,65	0	-2,11	4,61
Barra Inox	-1,47	0	-2	-1,37	-0,87	0	9,82
Cantoneira Inox	-	-0,02	-2,78	-0,5	0	-1,89	3,24
Tubo Inox	-0,18	0	-2,7	-1,29	0	0	2,85
Sucata	-	-2,51	-5,31	-10	-9,66	-3,96	-33,95
Aço Importado							
Indicadores (%)	set. prev	ago	jul	jun	mai	abr	12m. Ac.
HRC	-	-0,75	4,16	-0,07	-2,53	-1,16	-7,88
CRC	-	1,81	1,04	-0,83	-3	-0,73	-8,21
HDG	-	-1,11	2,68	-0,65	-1,22	-0,58	-4,79
Plate	-	-0,61	2,75	-0,29	-1,24	-0,98	-8,54
Rebar	-	0,67	2,12	-0,68	1,42	0,73	0,67

Fonte: INFOMET

Os dados mostram a variação percentual dos preços de diferentes tipos de aço ao longo dos meses recentes e acumulado em 12 meses. Observa-se que muitos produtos apresentam quedas nos preços, especialmente no acumulado de 12 meses, como Vergalhão (-13,88%), Tela (-11,9%) e HRC (-7,88%). Isso está alinhado com tendências globais observadas em pesquisas recentes, que apontam para uma desaceleração na demanda por aço devido a fatores como

redução na atividade da construção civil, ajustes na produção industrial e oscilações nos custos das matérias-primas. Por outro lado, alguns produtos como Barra Inox (9,82%) e Galvalume (7,57%) tiveram aumento, possivelmente por demanda específica ou menor oferta. Em resumo, o mercado de aço tem enfrentado volatilidade, com predominância de quedas nos preços, refletindo o cenário internacional de menor consumo e ajustes na cadeia produtiva.

Previsão de Preços do Aço

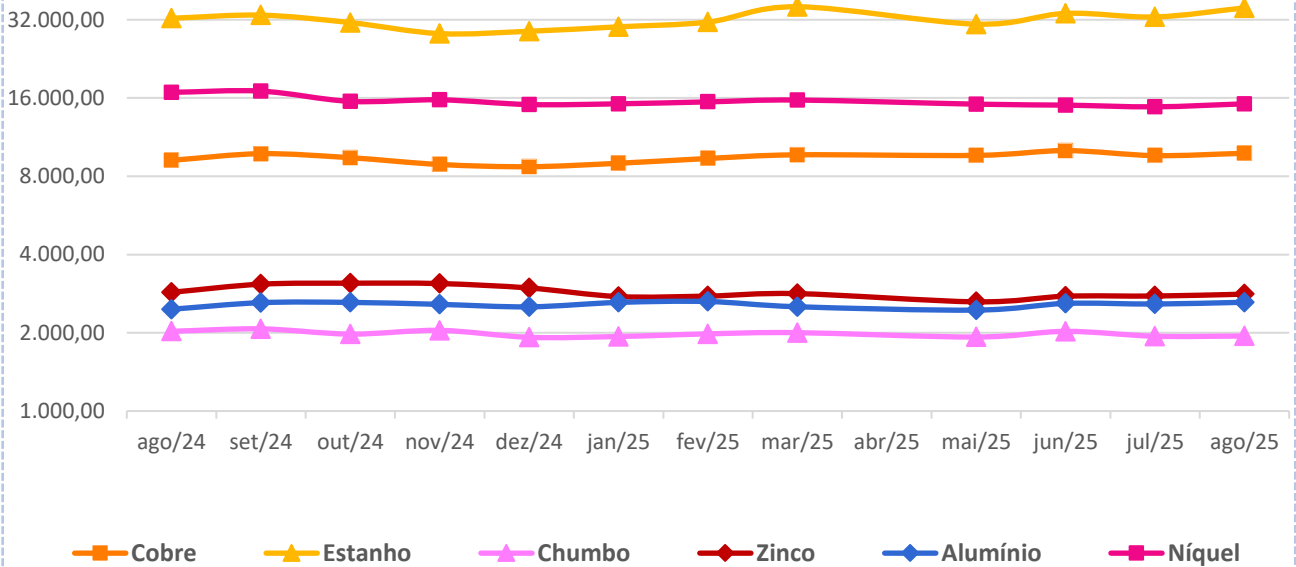


As frequentes instabilidades na economia e os efeitos das políticas comerciais globais seguem afetando as estimativas de preços para os

diversos tipos de aço, indicando possíveis movimentos de retração ou manutenção dos valores.

Preço dos metais

Preço dos Metais (LME)



Fonte: Westmetall

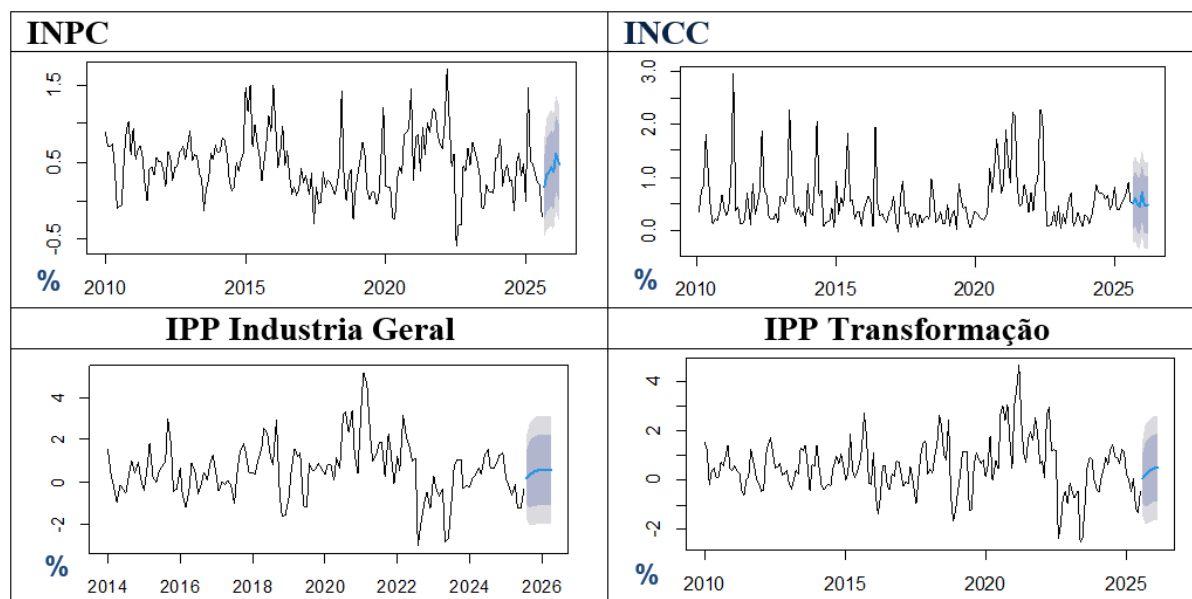
O preço do estanho subiu 8,34% em agosto. A alta foi impulsionada por um severo aperto no lado da oferta, com a manutenção das restrições de mineração em Mianmar, e contínuos atrasos burocráticos na emissão de licenças de exportação na Indonésia. Esses fatores levaram os estoques monitorados pela LME a níveis criticamente baixos, exacerbando a percepção de escassez física e sustentando o movimento de alta.

O níquel registrou um avanço de 2,64% em agosto, revertendo parte das perdas anteriores. O movimento foi atribuído principalmente às incertezas vindas da Indonésia, maior produtor global, onde atrasos na aprovação de cotas anuais de mineração geraram preocupações sobre a oferta de curto prazo. Conforme relatado pela Reuters, a alta foi

intensificada por um movimento de cobertura de posições vendidas (*short covering*), em que investidores que apostavam na queda foram forçados a recomprar contratos, acelerando a valorização.

O preço do cobre subiu 2,07% em agosto, impulsionado por uma melhora nas perspectivas de demanda e por fatores macroeconômicos. A principal influência positiva veio da China, que anunciou novas medidas de estímulo econômico para apoiar os setores de infraestrutura e imobiliário, grandes consumidores do metal. Adicionalmente, o enfraquecimento do dólar no mercado internacional tornou as commodities cotadas na moeda mais atrativas para compradores globais, dando suporte às cotações.

Indicadores de inflação



Fonte: Elaborado pelos autores;

A projeção para o INPC acumulado em 2025 é de 4,84%, com margem de oscilação entre 3,08% e 6,39%. Já o IPP da Indústria de Transformação indica uma redução de 1,0%, podendo variar de -7,64% a 4,91%. No caso do IPP da Indústria Geral, espera-se uma queda de 1,39%, com intervalo entre -8,79% e 6,56%. Por

sua vez, o INCC aponta para um aumento de 7,12%, com possíveis variações entre 4,89% e 9,33%. A análise conjunta do IPP e do INPC revela uma expressiva diminuição nos preços ao produtor, o que pode refletir em maior poder de compra para os consumidores.

Indicadores de inflação

Setor	Out. 23 - Jul.25
METALURGIA	
FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DE METAL, EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	
FABRICAÇÃO DE EQUIPAMENTOS DE INFORMÁTICA, PRODUTOS ELETRÔNICOS E ÓPTICOS	
FABRICAÇÃO DE MÁQUINAS, APARELHOS E MATERIAIS ELÉTRICOS	
FABRICAÇÃO DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	
FABRICAÇÃO DE VEÍCULOS AUTOMOTORES, REBOQUES E CARROCERIAS	
FABRICAÇÃO DE OUTROS EQUIPAMENTOS DE TRANSPORTE, EXCETO VEÍCULOS AUTOMOTORES	
INPC	

Fonte: Elaborado pelos autores

Indicadores de inflação

Taxas de IPCA, INPC e IGP-DI – 2025 (mar/25 – ago/25)

Mês/ano	IPCA (%)	INPC (%)	IGP-DI (%)
mar/25	0,56	0,51	-0,50
abr/25	0,43	0,48	0,30
mai/25	0,26	0,35	-0,85
jun/25	0,24	0,23	-1,80
jul/25	0,26	0,21	-0,07
ago/25	-0,11	-0,21	0,20
Acum. 12 Meses	5,13	5,05	3,00

Fonte: IBGE e FGV

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) do mês de agosto foi de -0,11%, 0,37 ponto percentual (p.p.) abaixo da taxa de 0,26% de julho. No ano, o IPCA acumula alta de 3,15% e, nos últimos 12 meses, o índice ficou em 5,13%, abaixo dos 5,23% dos 12 meses imediatamente anteriores. Em agosto de 2024, a variação havia sido de -0,02%.

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) registrou queda de 0,21% em agosto. No ano, o acumulado é de 3,08% e, nos últimos 12 meses, de 5,05%, abaixo dos 5,13% observados nos 12 meses imediatamente anteriores. Em agosto de 2024, a taxa foi de -0,14%.

O Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI) subiu 0,20% em agosto. No mês de julho, a taxa caíra 0,07%. Com este resultado, o índice acumula queda de 1,62% no ano e alta de 3,00% em 12 meses. Em agosto de 2024, o IGP-DI havia registrado alta de 0,12% e acumulava alta de 4,23% em 12 meses.

(IPEA) Inflação por faixa de renda – Agosto

Inflação por faixa de renda (Em %)

	Variação mensal			Variação acumulada	
	jun-25	jul-25	ago-25	Ano	Doze meses
IPCA	0,24	0,26	-0,11	3,15	5,13
Renda muito baixa	0,20	0,19	-0,29	3,08	5,23
Renda baixa	0,21	0,23	-0,21	3,17	5,33
Renda média-baixa	0,23	0,23	-0,19	3,14	5,19
Renda média	0,24	0,26	-0,07	3,16	5,08
Renda média-alta	0,27	0,27	0,00	3,32	5,07
Renda alta	0,28	0,44	0,10	3,14	5,00

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea).
Obs.: IPCA – Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo.

Fonte: Carta de Conjuntura IBGE/IPEA.

Os dados do Indicador Ipea de Inflação por Faixa de Renda mostram que, em agosto, na margem, a inflação cedeu em todas as classes pesquisadas. Nota-se, no entanto, que o recuo da taxa foi mais intenso nos estratos de renda inferiores, tendo em vista que enquanto a inflação apurada no segmento de renda muito baixa recuou de 0,19%, em julho, para -0,29%, em agosto, a taxa observada na faixa de renda alta passou de 0,44% para 0,10% na mesma base de comparação. Por certo, além da intensificação da trajetória de deflação dos alimentos no domicílio, a queda das tarifas de energia elétrica, beneficiada pela incorporação do Bônus de Itaipu- anulando, inclusive a pressão vinda da adoção da bandeira vermelha patamar 2, explicam esta queda mais forte da inflação nos segmentos de renda mais baixa, dado o peso desses itens no orçamento dessas famílias. Já para a faixas de renda mais altas, a deflação dos

alimentos e da energia foi parcialmente compensada pela elevação de preços em serviços, notadamente alimentação fora do domicílio e recreação.

No acumulado de 2025 até agosto, a inflação permanece em torno de 3,1% a 3,3% para todas as faixas de renda, sugerindo um quadro relativamente homogêneo até aqui. Entretanto, quando se observa o acumulado em doze meses, persiste a diferença entre classes: a renda baixa ainda apresenta a maior variação (5,33%), enquanto a renda alta segue com a menor (5,00%).

(IPEA) Indicador Mensal de FBCF - Julho

Taxas de crescimento do Indicador Ipea mensal de FBCF
(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado ¹				Contra igual período do ano anterior				Acumulado	
	Maió/25	Jun./25	Jul./25	Trim. ²	Maió/25	Jun./25	Jul./25	Trim.	No ano	Em doze Meses
FBCF	-1,6	1,2	0,4	-3,1	7,1	2,7	3,4	4,4	6,1	7,6
Máquinas e equipamentos	-1,1	1,0	-1,7	-6,2	6,1	1,1	2,9	3,3	8,1	9,7
Nacionais	0,4	1,1	-4,7	2,9	2,7	-3,9	-0,8	-0,7	-1,1	1,5
Importados	-1,1	3,1	-1,0	-24,4	12,4	10,8	10,2	11,1	26,1	25,6
Construção civil	1,4	-0,7	1,0	2,0	7,7	3,0	4,3	5,0	3,8	5,1
Outros ativos fixos	0,2	-0,6	-1,2	0,9	7,8	5,7	1,9	5,1	7,4	10,5

Fonte: Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Notas:
¹ Sazonalmente ajustado pelo IPEA (método X-13).
² Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

Fonte: Carta de Conjuntura IBGE/IPEA.

O Indicador Ipea de Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), que agrega os investimentos em máquinas e equipamentos, na construção civil e em outros ativos fixos, registrou avanço de 0,4% na comparação entre julho e junho na série com ajuste sazonal, resultado que sucedeu à alta de 1,2%. Ainda assim, o trimestre móvel encerrado em julho registrou retração de 3,1% na comparação dessazonalizada – resultado impactado pela alta ocorrida em fevereiro. Nas comparações com os mesmos períodos de 2024, o indicador mensal apresentou crescimento de 3,4% em julho, e alta de 4,4% no trimestre móvel. No acumulado em doze meses, por sua vez, os investimentos totais apresentaram expansão de 7,6% em 2025.

Na comparação com ajuste sazonal, os investimentos em máquinas e equipamentos – medidos segundo o conceito de consumo aparente, que corresponde à produção nacional destinada ao mercado interno acrescida das importações – registraram recuo de 1,7% em julho, encerrando o trimestre móvel com baixa de 6,2%. Quanto a seus componentes, enquanto a produção nacional caiu 4,7% na margem, as importações retraíram 1,0%. Já na comparação em médias móveis, a produção nacional cresceu 2,9%, ao passo que as importações, afetadas pela alta base de comparação do trimestre móvel encerrado em abril, recuaram 24,4%.

(IPEA) Consumo aparente de bens industriais - Julho

Consumo aparente de bens industriais *versus* produção industrial
(Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado ¹				Mês/Igual mês do ano anterior				Acumulado	
	Maio/25	Jun./25	Jul./25	Trim. ²	Maio/25	Jun./25	Jul./25	Trim. ²	No ano	Em doze meses
Consumo Aparente	-0,1	0,6	-1,0	-0,7	4,8	-1,4	0,5	1,3	3,2	4,7
Bens Nacionais	-0,6	-0,4	-0,9	-1,5	3,4	-3,9	-1,7	-0,8	0,6	1,8
Bens Importados	0,2	4,8	-4,9	-0,9	9,8	7,8	8,5	8,7	12,5	15,2
Produção Industrial (PIM-PF)	-0,6	0,0	-0,2	-0,6	3,4	-1,3	0,2	0,8	1,1	1,9

Fonte: Ipea, IBGE e Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex).
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea).
Notas:
¹ O procedimento de ajuste sazonal é realizado não apenas nos componentes, mas também na série de consumo aparente e, portanto, não é possível assegurar que a aditividade seja preservada.
² Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

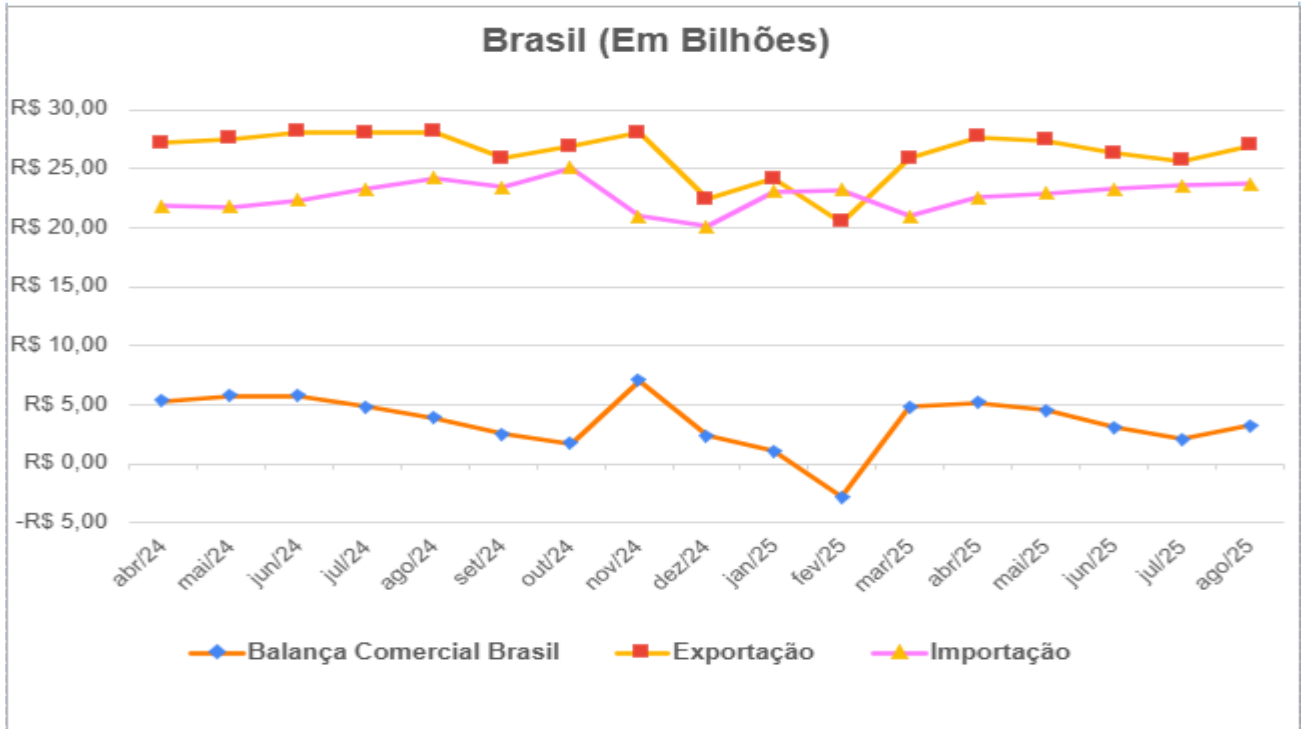
Fonte: Carta de Conjuntura IBGE/IPEA.

O Indicador Ipea Mensal de Consumo Aparente de Bens Industriais recuou 1,0% na comparação entre julho e junho na série com ajuste sazonal. O indicador é uma *proxy* da demanda interna por bens industriais – definido como a parcela da produção industrial doméstica destinada ao mercado interno, acrescida das importações. Esse resultado ocorreu em razão das quedas de 0,9% da produção interna destinada ao mercado nacional (bens nacionais) e de 4,9% das importações de bens industriais, conforme mostra a tabela.

A retração na série dessazonalizada foi de 0,6%. Com isso, o trimestre móvel encerrado em julho caiu 0,7% na margem, quando comparado com aquele encerrado em abril. Na comparação

interanual, enquanto o indicador mensal cresceu 0,5% em relação a julho de 2024, o indicador em médias móveis trimestrais aumentou 1,3%. No acumulado em doze meses, a demanda por bens industriais registrou alta de 4,7% em julho, contrastando com a elevação de 1,9% da produção interna, medida na Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PIM-PF/IBGE). Ambas apontam para uma desaceleração, como ilustra a tabela.

Balança comercial



Fonte: Comex Brasil

Em agosto de 2025, a balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 6,133 bilhões, segundo dados divulgados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC) em 4 de setembro. O saldo representou um avanço de 53,92% em relação a julho, resultado sustentado pelo crescimento de 5,04% nas exportações, que somaram US\$ 29,861 bilhões, e de 0,67% nas importações, que totalizaram US\$ 23,728 bilhões. Com isso, a corrente de comércio mensal alcançou US\$ 53,589 bilhões.

Na comparação com agosto de 2024, contudo, a balança comercial apresentou retração de 16,12%, refletindo quedas de 4,00% nas exportações e de 2,07% nas importações.

Apesar da perda no comparativo anual, o

mês de agosto foi marcado por forte expansão das exportações brasileiras para parceiros estratégicos, como Índia (+58%), México (+43%), Argentina (+40%) e China (+31%). Esse desempenho contribuiu para que o país atingisse o melhor resultado da história para os primeiros oito meses do ano, com exportações acumuladas em US\$ 227,6 bilhões, ligeiramente acima do registrado em igual período de 2024 (US\$ 226,5 bilhões, alta de 0,5%).

As importações, por sua vez, totalizaram US\$ 184,8 bilhões entre janeiro e agosto de 2025. Com isso, a corrente de comércio acumulada chegou a US\$ 412,4 bilhões, configurando também um recorde histórico e crescimento de 3,2% frente ao mesmo intervalo do ano anterior.

Balança comercial

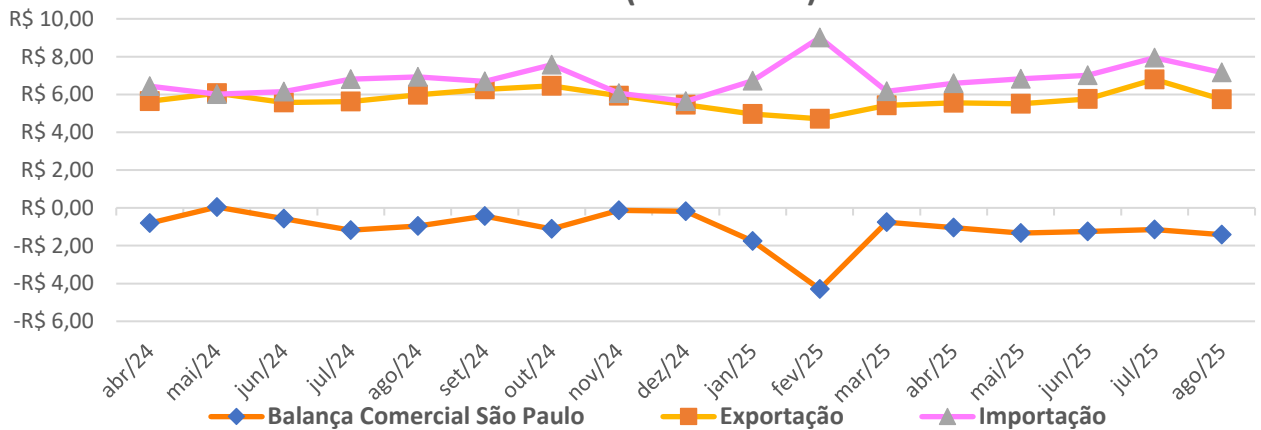
Em agosto de 2025, a balança comercial do estado de São Paulo registrou crescimento de 24,26% em relação a julho. O resultado foi influenciado pela queda de 15,44% nas exportações e de 9,73% nas importações, mas ainda assim representou avanço no saldo comercial mensal.

Na comparação anual, frente a agosto de 2024, o desempenho também foi positivo, com alta de 48,27%. Esse resultado refletiu a retração de 3,87% nas vendas externas, compensada pelo crescimento de 3,32% nas compras do exterior.

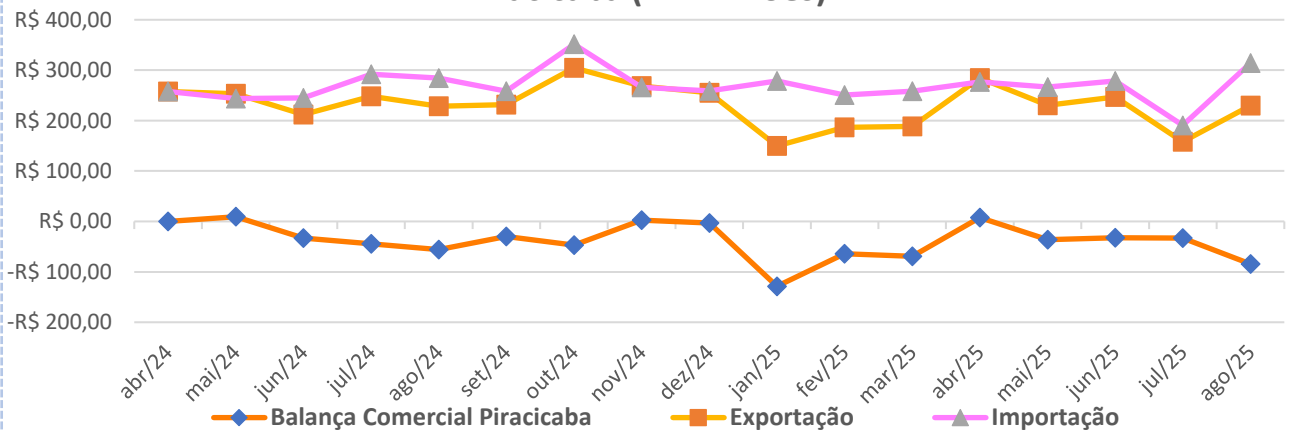
O desempenho da balança comercial de Piracicaba foi expressivo. O município registrou expansão de 157,18% em relação a julho, resultado impulsionado pelo crescimento de 45,69% nas exportações e de 64,85% nas importações.

E na comparação anual, frente a agosto de 2024, o saldo também foi positivo, com avanço de 50,22%, reflexo da ligeira alta de 0,78% nas vendas externas e do aumento de 10,53% nas compras do exterior.

São Paulo (Em Bilhões)

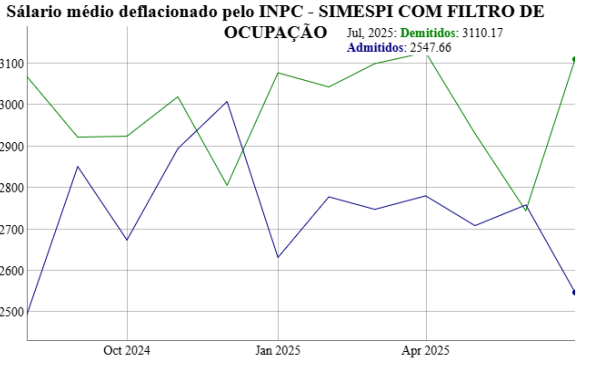
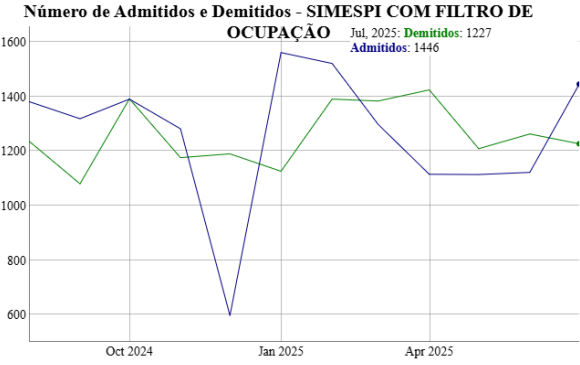
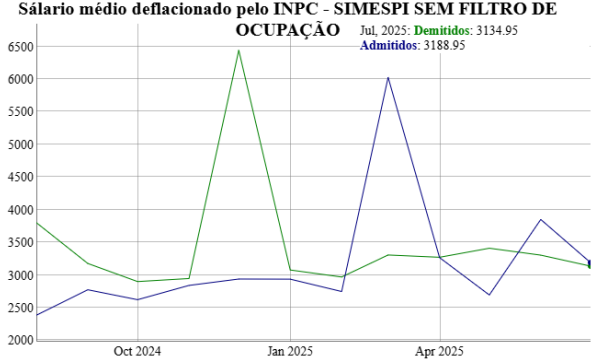
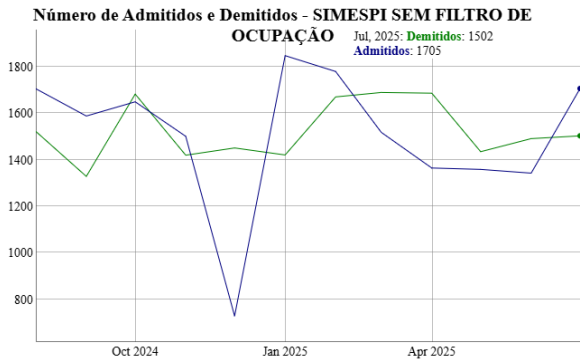
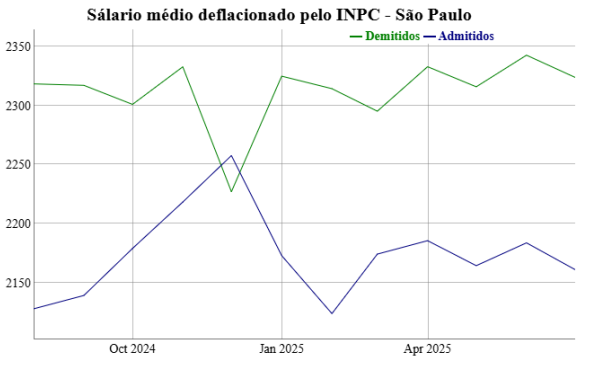
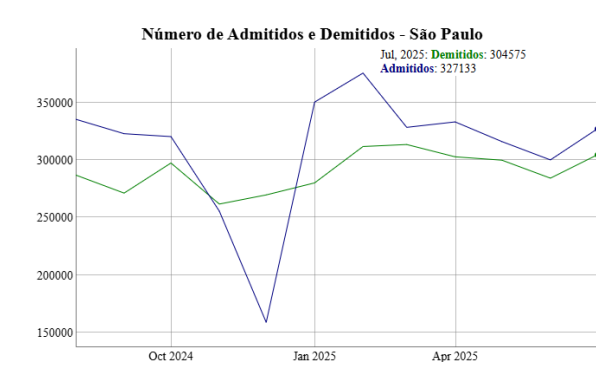


Piracicaba (Em Milhões)



Fonte: Comex Brasil

Mercado de Trabalho



Fonte: SIMESPI

O mercado de trabalho apresenta mais admissões, os salários pagos pelas indústrias dos

segmentos das associadas possuem valores maiores no caso das demissões.

Glossário

Nas análises realizadas no Boletim de Conjuntura Industrial do Painel Econômico ESALQ-USP, a equipe usualmente utiliza indicadores, índices e estatísticas econômicas para embasar o quadro da economia no momento. Entretanto, a intenção do Boletim é proporcionar informações de fácil acesso e interpretação para nossos leitores, mesmo que esses não sejam da área mais técnica da ciência econômica. Portanto, esse glossário têm como objetivo explicar alguns termos e os indicadores utilizados nesse Boletim.

Os **indicadores econômicos** representam essencialmente dados e/ou informações "sinalizadoras" ou "apontadoras" do comportamento (individual ou integrado) das diferentes variáveis e fenômenos componentes de um sistema econômico de um país, região ou estado (LOURENÇO *et al.*, 2002). Ou seja, os indicadores econômicos são medidas de como a economia está em determinado escopo temporal. Dentre os indicadores utilizados no Boletim, destacam-se:

-ICEI: Pesquisa cm índice de difusão (varia entre 0 e 100) que metrifica a confiança dos empresários industriais. Por meio desta, é possível identificar tendências da indústria e a propensão do empresariado à reter ou realizar novos investimentos.

-Horas trabalhadas na produção: Índice de base fixa (Ano 2006 = 100), mede o total de horas efetivamente trabalhadas pelo pessoal

empregado na produção.

-Emprego industrial: Índice de base fixa (Ano 2006 = 100), que mede o total de pessoas empregadas em atividade industrial, diretamente ou indiretamente ligadas ao processo produtivo.

-Produção de aço no Brasil: Analisa o volume total de aço fabricado em determinado período, avaliando a atividade da indústria siderúrgica, a demanda por aço e o nível de produção industrial, no Brasil. O indicador utiliza dados das estéticas mensais, publicados pelo Instituto Aço Brasil.

-Comercialização de aço no Brasil: Analisa a comercialização total de aço no Brasil, envolvendo principalmente o consumo aparente, vendas internas, exportações e importações de produtos siderúrgicos, possibilitando entender as dinâmicas de consumo no setor siderúrgico brasileiro e tendências futuras. O indicador utiliza dados das estéticas mensais, publicados pelo Instituto Aço Brasil.

-Indicadores de inflação: Indicadores como o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), Índice Nacional de Preços ao Consumidor e Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI), permitem acompanhar a flutuação de preços em diversos cenários.

-Previsão dos preços de aço: Previsão do preço de nove tipos de aço, elaboradas em software estatístico pelos autores.

Glossário

-Indicadores de produção: Coletados pelo IBGE na Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física são uma medida aproximada da evolução de curto prazo do valor adicionado da indústria no mês de referência

-Bens de capital: Produção de bens que serão utilizados como meio de produção de outros bens.

-Bens intermediários: Bens utilizados na produção de outros bens, mas em forma de insumos em um processo produtivo.

-Bens de consumo: Bens adquiridos e utilizados diretamente pelo consumidor final, como itens de alimentação, vestuário e eletrodomésticos, entre outros.

-Formação bruta de capital fixo: Mede quanto as empresas aumentaram seus bens de capital, ou seja, aqueles bens que servem para produzir outros bens (IPEA, 2004). O indicador utilizado no Boletim é o indicador mensal de FBCF do IPEA, sendo encontrado nas Cartas de Conjuntura do instituto.

-Consumo aparente de bens industriais: O indicador é uma representação aproximada da demanda interna por bens industriais – definido como a parcela da produção industrial doméstica destinada ao mercado interno, acrescida das importações (IPEA). O indicador é calculado, também, pelo IPEA e pode ser encontrado na Carta de Conjuntura.

-Utilização da capacidade instalada: Porcentagem média da utilização da capacidade

industrial instalada, podendo variar de 0% a 100%.

-Indicadores do preço: Variação mensal e acumulada do preço de 26 tipos de aço, entre nacionais e importados, coletados no INFOMET.

-Preços dos metais (LME): Preço de diversos metais de base negociados na bolsa de metais de Londres, coletados geralmente no último dia do mês de referência.

-Balança comercial: Estatísticas acerca do comércio exterior realizado pelo Brasil. O resultado da balança comercial é igual à diferença entre as exportações e importações realizadas no período, sendo negativa quando há mais importações do que exportações, e positiva quando o contrário acontece.

Os indicadores utilizados pelo boletim são expressos de diversas maneiras, como em percentual de variação e índice, podendo ser dessazonalizados ou não:

-Percentual de variação: Variação em porcentagem em relação ao período anterior. Ex: Indicadores de preço, Indicadores de produção.

-Índice: Indicador que utiliza os dados de um período, chamado de base fixa, como ponto de partida. Geralmente, atribui-se à base fixa o número 100. Assim, um índice de 110 indicaria um aumento de 10% em relação ao período base.

-Dessazonalização: Eliminação estatística do efeito de eventos sazonais, como as estações, datas comemorativas, safra, entre outros, afim de verificar variações reais.



Expediente

O Boletim de Conjuntura Industrial de Piracicaba é elaborado mensalmente pelo Grupo de Extensão em Economia e Gestão e Desenvolvimento sustentável – GEEDES e Grupo de Extensão e Pesquisa em História e Evolução da Agricultura e dos Complexos Agroindustriais – GEPHAC.

Autores

Carlos Eduardo de Freitas Vian
Bruno Pissinato
Cristiane Feltre
Carlos Henrique de Araujo
Guilherme Schnoveber Assunção
Pedro Henrique Rigueto
Samuel Darck
Victório Meireles Clais

SIMESPI

Gestão 2023 - 2025
Presidente: Érick Gomes
1º Vice-Presidente: Paulo Estevam Camargo
2º Vice-Presidente: André Simioni



**Boletim de
Conjuntura
Industrial**

Piracicaba